

Sociedade

“Tenho vergonha que haja cursos em que um estudante com 18 valores não entra”

António Cruz Serra Nos últimos dois anos, alunos só tiveram de fazer exames de ingresso no superior. Reitor da Universidade de Lisboa, que deixa cargo em Setembro, defende esse modelo

Entrevista

Samuel Silva Texto
Daniel Rocha Fotografia

Desde a fusão da Clássica e do Técnico, em 2013, que a Universidade de Lisboa se tornou a maior instituição de ensino superior nacional. Tem 12 dos 40 cursos procurados pelos melhores alunos do país. Por isso, podia ter acrescentado 168 vagas à sua oferta, mas só usou dois desses lugares. “São necessários mais recursos”, reclama o reitor, apologista também de mudanças no modelo de ingresso no ensino superior.

A Comissão Nacional de Acesso ao Ensino Superior (CNAES) anunciou, no mês passado, que vai lançar um debate sobre o ingresso no superior até ao final deste ano. O modelo precisa de mudanças?

Há uma coisa que a pandemia nos ensinou: temos um acesso ao ensino superior que tem de ser alterado. Os resultados do ano passado mostram isso. Tivemos um enorme aumento do número de candidatos. Este ano, também vamos ter.

Acredita que, este ano, o número de candidatas também vai ser elevado?

Acabar com a obrigatoriedade do exame nacional para concluir as disciplinas que não constituem provas de acesso ao superior fez com que houvesse muito mais candidatos. Este ano, vai acontecer o mesmo. Há jovens que são mais focados em determinados assuntos e menos noutros. Provavelmente, têm maior dificuldade em terminar o ensino secundário se precisarem de fazer o exame nacional numa determinada disciplina que até vai ter um impacto limitado na sua formação futura.

As mudanças devem ser sobretudo no ensino secundário?

Não estou a retirar importância a nenhuma disciplina. O 12.º ano tem de ser feito com seriedade. Mas os candidatos que tiveram aprovação ao longo do 10.º, 11.º e 12.º anos numa dada disciplina por vezes ficam um ano ou dois a tentar acabar o secundário porque não conseguem ter a nota mínima no exame final. Isso faz, obviamente, cair o número de candidatos ao ensino superior. Isso foi evidente no ano passado. Se queremos mais estudantes a entrar no ensino superior, temos de olhar para este assunto.

As universidades podem ter um papel mais activo na selecção dos seus próprios alunos?

Não acompanho quem defende selecções baseadas numa entrevista. Vimos que, até nas principais universidades americanas, isto deu problemas muito graves nos últimos anos. O nosso sistema é justo do ponto de vista da seriação dos estudantes e da colocação em igualdade de oportunidades. As provas nacionais garantem-nos uma base comum.

Mas mudaria para um modelo mais próximo do que está a vigorar este ano?

Acho que sim. Não devemos provocar rupturas em modelos que têm funcionado bem. O nosso grande problema é termos uma grande quantidade de estudantes com notas muito altas que não conseguem entrar em determinados cursos. Eu, francamente, tenho vergonha de ter meia dúzia de cursos em que um estudante com 18 valores não entra. Estamos a torturar os nossos adolescentes com esta competitividade. Para ter tantos alunos com médias de 18 e 19, são necessários enormes sacrifícios de estudo durante o secundário. Na

Universidade de Lisboa, em particular no Instituto Superior Técnico, temos vindo a aumentar as vagas nestes cursos à medida que nos deixam.

Mas há limites a esse aumento.

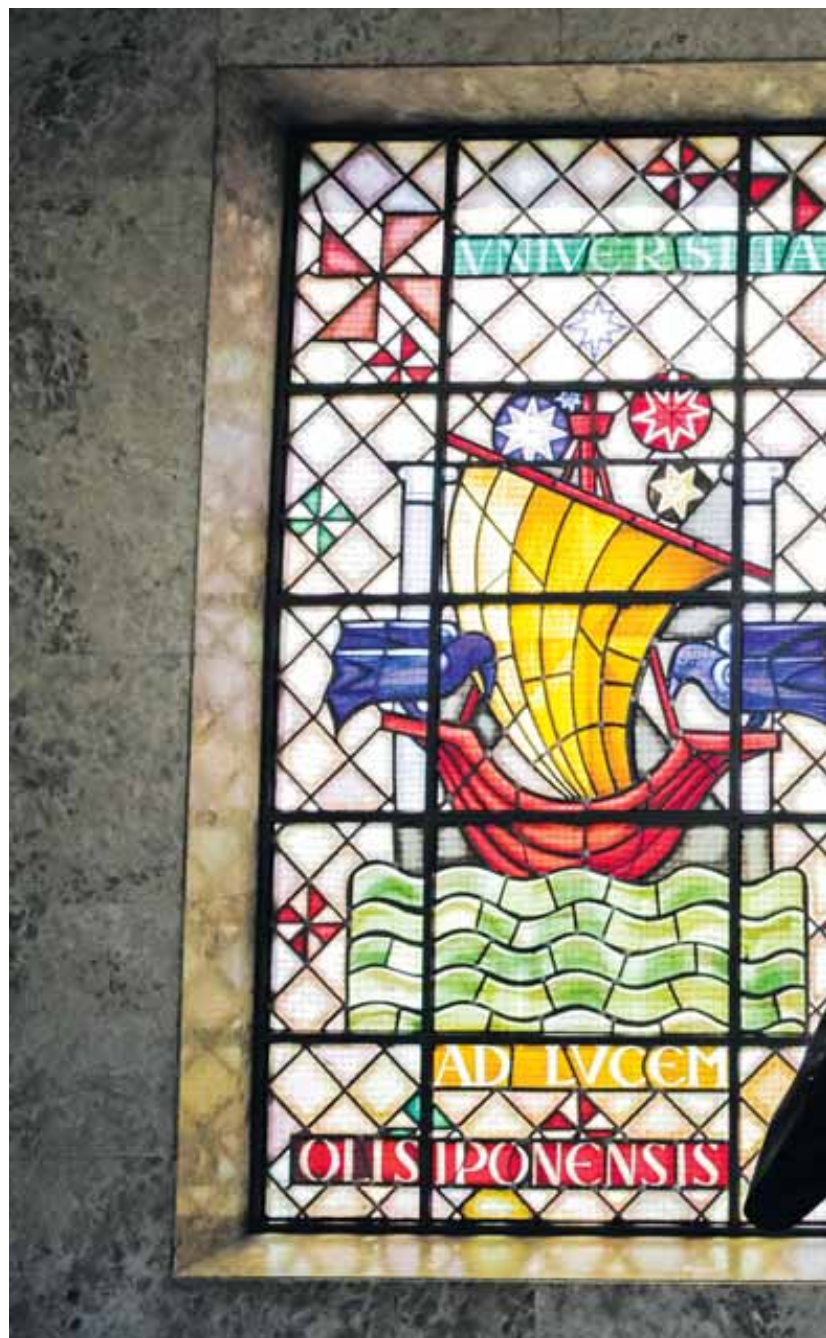
Aumentar o número de vagas tem um custo muito grande. O Governo tem de perceber que, para aumentar as vagas nos cursos procurados pelos melhores alunos, é preciso mais financiamento. Nós temos aumentado tudo o que podemos, mas este ano já não vamos aumentar, porque já não há recursos. Mais alunos significam instalações e, fundamentalmente, professores. Se aumentamos o número de alunos em 30%, precisamos de mais uma turma, que precisa de, pelo menos, três professores novos. Três professores novos custam 180 mil euros por ano.

Houve um aumento do abandono do ensino superior devido aos impactos da pandemia?

Não noto isso. Tivemos alguns problemas nos estudantes internacionais, mas nada de muito significativo e com menor impacto do que era expectável. Em todas as universidades portuguesas, há um compromisso muito grande de não deixar ficar ninguém para trás. Somos capazes de detectar os problemas mais importantes dos estudantes que têm problemas financeiros que os impeçam de continuar.

Como vai ser o arranque do próximo ano lectivo?

Primeiro, garantimos que ninguém perdeu o ano por causa da pandemia – nem no ano passado, nem no ano presente. Mas a qualidade do ensino vai-se degradando ao longo do tempo, até porque há saturação por parte dos estudantes. Considero que devemos regressar o mais rapidamente possível ao ensino



Acabar com obrigatoriedade do exame nacional para concluir disciplinas que não constituem provas de acesso fez com que houvesse mais candidatas

É essencial termos todos os jovens acima de 18 anos vacinados antes de começar o ano lectivo

presencial.

Mas já haverá ensino totalmente presencial no arranque do novo ano?

Estamos num momento em que é difícil responder com certeza absoluta a essa pergunta. As escolas da Universidade de Lisboa estão a trabalhar com plano A e plano B. A maior parte da universidade tem como plano A o regresso à actividade presencial plena. Algumas escolas têm um plano que passa por manter aulas teóricas à distância e as restantes em modo presencial. Mas todos têm um plano B, que é ao contrário. Se houver condições de termos toda a gente em modo presencial, teremos toda a gente em modo presencial. Devo dizer que estava preparado para adiar o início do ano lectivo, face à evolução da pandemia, mas isso não vai ser necessário. É essencial termos todos os jovens acima de 18 anos vacinados antes de começar o ano lectivo nas universidades – que acontecerá com Setembro já



bem adiantado – e penso que haverá condições para que isso aconteça.

Esta geração teve dois anos de um ensino anormal por causa da pandemia. Há um risco de terem um selo de “geração covid” que de algum modo os diminua, por exemplo no mercado de trabalho?

Eu sou da geração que estava na universidade no 25 de Abril e sei o que é ter um selo desses. Foi política da universidade desde o primeiro dia garantir que a avaliação era séria. E que não havia falhas do ponto de vista da avaliação. Aquilo que tenho visto até agora não indicia nenhum problema.

O novo presidente do Conselho de Reitores das Universidade Portuguesas (CRUP) tem falado na necessidade de uma fórmula de financiamento “adequada e justa” para o ensino superior. É da mesma opinião?

Revejo-me totalmente nessa posição. Não é uma boa decisão

não aplicar a fórmula de financiamento que existe. Universidades com a de Lisboa e do Porto têm uma dimensão tal, que não vão variar muito o seu nível de financiamento. O problema é que há universidades que têm financiamentos 30% abaixo do valor que a fórmula lhes daria. Eu não compreendo como é que o ISCTE – Instituto Universidade de Lisboa, a Universidade da Beira Interior, a Universidade do Minho, a Universidade Nova de Lisboa ou a Universidade de Aveiro são tão maltratadas.

Sendo uma fórmula distributiva, tem de acontecer uma de duas coisas: ou há mais dinheiro para compensar essas instituições que estão a ser prejudicadas ou algumas vão ter de perder para dar a essas.

Devem acontecer as duas coisas. O que era desejável era que houvesse um reforço significativo do orçamento do ensino superior. Há dez anos, a dotação equivalente

para o ensino superior era 30% superior à actual. Estamos longíssimo daquilo que já foi o financiamento das universidades portuguesas.

Como se posicionam as instituições que podem perder financiamento para compensar aquelas que estão mais subfinanciadas?

Acho que vai ter de perguntar a essas instituições e aos politécnicos em particular. Estivemos a fazer um exercício de aplicação da fórmula durante uns meses, num grupo de trabalho criado pelo ministro, com dois representantes do CRUP, dois do conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos e a Direcção-Geral do Ensino Superior. O resultado do exercício mostra que há um deslocamento do financiamento do sistema universitário para o politécnico. Mas eu acho que não podemos ter descidas abruptas de financiamento em lado nenhum porque as instituições estão, no fundo, todas subfinanciadas.

Boa parte foi investida em alojamento Fusão da Universidade de Lisboa poupou 6 milhões de euros

É impossível separar os seus oito anos como reitor do processo de fusão que deu origem à Universidade de Lisboa.

O início do mandato foi um período muito intenso do ponto de vista de gestão e de organização da universidade. O balanço da fusão, em termos de organização da reitoria, é muito positivo. Temos hoje praticamente o mesmo número de pessoas a trabalhar na reitoria que tínhamos na maior das duas universidades anteriores, que era a Clássica. O orçamento que libertámos foi o orçamento da reitoria mais pequena, a da Técnica, cerca de 6 milhões de euros por ano.

Despedimentos não houve?

Havia quem dissesse que ia haver, antes do processo de fusão. Eu faço questão de sublinhar que não aconteceu, como sempre repetimos. Aliás, os recursos humanos nas universidades portuguesas são limitados. Portanto, todos os trabalhadores administrativos e técnicos, todos os docentes, investigadores são fáceis de aproveitar.

Falou em poupanças de 6 milhões de euros. O que é que foi possível fazer com esse dinheiro?

Metade foi distribuída pelos orçamentos das escolas, permitindo pagar anualmente salários de cerca de 50 a 60 novos professores. A outra metade foi usada para construção de novos equipamentos, entre os quais o programa de construção de residências de estudantes da UL. **Estas residências de estudantes foram construídas com verbas próprias?**

Não há um cêntimo [do Estado] para a construção de residências de estudantes. A primeira fase da residência da Ajuda já está aberta há mais de ano e meio. Estamos neste momento em fase muito adiantada de construção da segunda fase dessa residência, além da transformação da Cantina II em residência de estudantes. São duas obras que estarão à disposição no máximo no próximo mês de Fevereiro.

Não integram o Plano Nacional de Alojamento Estudantil (PNAES)?

Integram, mas não há nenhum financiamento para o PNAES. Existe um plano de alojamentos,

mas é preciso encontrar recursos para fazê-lo.

Foi um objectivo assumido que um dos intuitos da fusão era ganhar a nível internacional. Onde se observam essas mais-valias?

Ao nível dos rankings internacionais, o melhor exemplo é o ranking de Leiden. Quando começámos a fusão, tínhamos uma universidade na posição 420 e a outra na 368. Na altura, a previsão que resultava da simples aglutinação das duas universidades era ficarmos na posição 230. Agora, estamos na posição 121 no mundo.

Por via dos estudantes nacionais?

Sobretudo à custa do aumento dos estudantes internacionais. Porque nos estudantes nacionais, subimos nos mestrados (temos mais de 2800 estudantes) e nos doutoramentos (mais 400), mas descemos no 1.º ciclo.

E nos internacionais?

Neste período, aumentámos em 50% o número de estudantes de África e da Europa, 100% nos estudantes da Ásia e 300% nos estudantes do Brasil. Hoje temos 8572 estudantes estrangeiros.

No processo de fusão, o que ficou por fazer?

Aqui há tempos, fazia o balanço da fusão e tínhamos feito praticamente tudo. Houve uma coisa que ficou por fazer, por causa da pandemia, que foi a reorganização da oferta formativa. O Conselho Geral, que cessou funções recentemente, fez um trabalho muito intenso de auto-avaliação da universidade e deixou um conjunto de recomendações, que tinham o meu acordo total, de onde saía a necessidade de reorganização da oferta formativa com determinados pressupostos e parâmetros.

Que eram quais?

A reorganização das ofertas de licenciatura que tivessem menos de um determinado número de estudantes, a reorganização da oferta de mestrado, com outros limites, e da oferta de doutoramentos, tentando criar formações de carácter mais geral, tentando aglutinar programas que estão dispersos. O trabalho foi começado, mas não se chegou a concluir. Este processo exige muita discussão interna. Isto não se resolve com ordens.